

Vende-se de tudo na Feira do Rolo

07 FEV 2000

Fotos: Francisco Stuckert

Vai querer a mobinete dona? São só R\$ 300", pergunta um vendedor.

"Está funcionando?", questiona uma pessoa interessada.

"Está sim. Acabei de roubar", responde o vendedor.

Esse foi o diálogo flagrado pela reportagem do **Jornal de Brasília** entre uma mulher e um dos vendedores de motocicletas naquela que é considerada a mais famosa feira de produtos ilícitos, roubados e contrabandeados do Distrito Federal: a Feira do Rolo.

Descaradamente, em plena luz do dia - o horário era 12h30 -, centenas de ambulantes se posicionam entre a QNM 07 e QNM 23 da Ceilândia Sul para vender quase tudo. Animais silvestres, aparelhos de som, pomadas milagrosas, carne, roupas, jóias e uma infinidade de produtos sem qualquer controle das autoridades competentes.

Acabar com a Feira do Rolo parece uma tarefa muito difícil, porque enquanto existirem pessoas que queiram comprar os produtos por preços mais baratos, também existirão desempregados tentando sobreviver às suas custas. A feira se divide em duas partes: uma área legalizada e outra totalmente ilegal.

Depois de várias tentativas do governo para acabar com ela, decidiu-

Em Ceilândia, é possível comprar (ilegalmente) animais silvestres, além de produtos roubados, armas e drogas

se fazer um cadastramento de 285 barracas. "As pessoas só vêem o lado sujo do local, mas esquecem o seu caráter social, já que mais de 400 famílias sobrevivem graças a ela", observou o vendedor de materiais para construção Maurício Gomide, presidente da Associação dos Feirantes da Feira de Materiais Novos e Usados da Ceilândia - uma das existentes no local. A outra é denominada de Associação dos Comerciantes da Feira do Povo de Ceilândia, cujo presidente é Ivaldo Pereira, vendedor de baterias usadas.

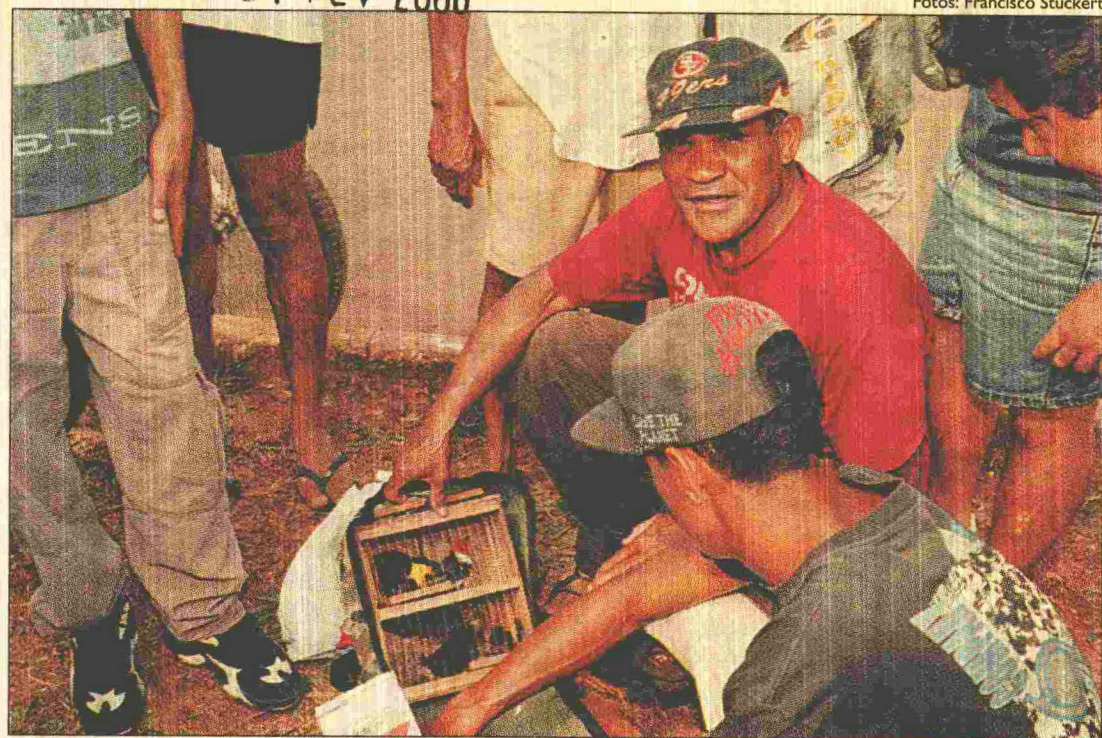
Querendo acabar com a imagem negativa da feira, os comerciantes decidiram mudar o nome, que agora é Feira de Ceilândia Sul. "Pretendemos extinguir o 'rolo' no local. Nosso

objetivo é moralizar esse comércio", explicou Ivaldo Pereira. Segundo ele, desde outubro do ano passado, a Administração de Ceilândia cadastrou as barracas, fornecendo uma autorização para o funcionamento. Fiscais da administração fazem rondas pelas barracas para observar o comércio e, se for constatada alguma irregularidade com os produtos, apreendê-los. Entretanto, a fiscalização não atinge a área com objetos vendidos ilegalmente. "Essa competência é da polícia. Não temos obrigação de atuar no local", disse a fiscal Liane Moreira.

Apesar de realizar frequentes batidas na Feira do Rolo para saber se drogas também são comercializadas no local e confirmar denúncias de tráfico de armas, a Polícia Civil não esteve presente na feira na manhã de ontem, período em que o **Jornal de Brasília** esteve no local. "Eles estão sempre aqui, apreendem alguns produtos, mas não é possível paralisar totalmente atividades como venda de armas e drogas", admite o presidente da Associação dos Comerciantes da feira, Ivaldo Pereira.

FABÍOLA GÓIS

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA



O vendedor tira da mochila - sem preocupação - gaiola com galos de campina

Animais, mercadoria preciosa

Na Feira do Rolo é possível comprar animais silvestres a preço de banana sem que a Polícia Florestal consiga acabar com o tráfico. Pássaros são comercializados à luz do dia, sob maus tratos e abrigados em locais impróprios. Sabiás, canários, galos de campina e periquitos podem ser comprados por até R\$ 10. Muitos vendedores ganham a vida somente com isso.

Apesar de realizar batidas no local para apreender a mercadoria, a polícia nem sempre tem a sorte de pegar o tráfico de

sagüis e papagaios, por exemplo. "A maioria dos vendedores esconde essas espécies porque sabem que fazemos revista na feira. Eles anunciam o animal e marcam um lugar com o comprador para entregá-los", afirmou o soldado Cícero.

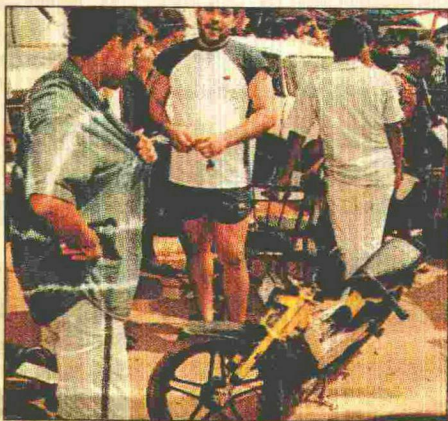
Ali, também, são vendidos, sem cerimônia, cachorros e galos destinados à rinha. "Esses são pequenos, mas quando tiverem dois anos estarão prontos para a rinha", confessa Joel Pereira.

Sem controle, ainda, é o comércio de carne de boi, por-

co e peixe, vendida no setor legal da feira, sem nenhuma fiscalização.

Aparelhos de som, CDs, toca-fitas e *Disc-mans* são comercializados no setor ilegal sem qualquer comprovação de origem. Mas há quem garanta que os produtos são de origem lícita, como o vendedor Roldão Fernandes.

Jogos de azar, proibidos por lei no Brasil, também são realizados na Feira do Rolo. No meio à multidão que se espreme é possível encontrar roletas e bancas de cartas. (F.G.)



A mobinete é oferecida sem nota